

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**HIPERCORREÇÃO E O IMAGINÁRIO DE LÍNGUA “CORRETA”:
O SUJEITO “ENFEITANDO” O SEU DIZER**

Elizete Beatriz Azambuja
liazambuja@ibest.com.br

Doutoranda em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Neste espaço, discuto alguns pontos sobre a relação *sujeito/língua*, a partir de enunciados constituídos por *hipercorreção*, objeto de estudo no doutorado. Para um ensaio de análise, tomo algumas produções linguísticas de diferentes sujeitos: reeducandos e professores universitários, sustentando-me na teoria Análise de Discurso. O *corpus* inicial se constitui heterogeneamente, visto que construí com textos orais, enunciados coletados durante reuniões na universidade, e com textos escritos, recortes de uma avaliação de um determinado projeto de extensão desenvolvido na unidade prisional de São Luís de Montes Belos/GO.

Assim, trato, ao longo da análise, sobre funcionamento ideológico, formações imaginárias, posições-sujeito, entre outras noções teóricas, questionando sobre o que faz com que se produza a hipercorreção em espaços de enunciação tão diferenciados: centro de inserção social e universidade.

De início é preciso frisar que, na perspectiva em que pretendo desenvolver este trabalho, a definição para hipercorreção ou ultracorreção, construída há algum tempo por linguístas, conforme se vê no *Dicionário de Linguística* é, no mínimo, equivocada, insuficiente, por tratar como “natural” a distribuição política das línguas, reafirmando o ideal de língua e trazendo a imagem de um sujeito que tem domínio do seu dizer. Isso é possível observar na seqüência:

“Correção ‘acima do nível da linguagem urbana’. Fenômeno linguístico que consiste na busca excessiva de correção – na fonética, na acentuação, no uso de termos –, que acaba por levar a pronúncias e a usos incorretos, por temor de incidir em erros populares. É do domínio da sociolinguística, freqüente em casos de pessoas que ascendem a uma nova classe social, por motivos sócio-econômicos (mudança para a cidade, casamento com pessoa de outra classe, enriquecimento, etc.)”. (DUBOIS et al., 1993, p. 323-4). (grifos dos autores).

Preocupo-me em salientar que não estou tratando de um sujeito consciente do enunciado que produz. Ao contrário, penso na hipercorreção como uma marca formal da relação que o sujeito tem com a própria língua, construída ideologicamente.

Nesse sentido, saliento os seguintes pontos:

- falar é uma prática política, no sentido largo do político, quando se consideram as relações históricas e sociais do poder, sempre inscritas na linguagem. (ORLANDI, 2002, p. 95).
- falar Português no Brasil é falar uma língua que são várias [...] uma língua dividida, de tal modo que ela é uma e é diferente disso [...] esta divisão é marcada por uma hierarquia de identidades. Ou seja, esta divisão distribui desigualmente os falantes segundo os valores próprios desta hierarquia. E aqui pode-se ver como a Escola, entre outras instituições e instrumentos, é fundamental na configuração do espaço enunciativo de uma língua nacional, no nosso caso o Português, ou seja, a Escola é fundamental no modo de dividir os falantes e sua relação com a língua. (GUIMARÃES, 2002, p. 21).
- os espaços de enunciação são espaços divididos desigualmente, de disputa pela palavra. (GUIMARÃES, 2002, p. 24).

Considerando os pontos acima colocados, penso que fazer uma pesquisa sobre a hipercorreção numa perspectiva discursiva irá contribuir para melhor compreender os aspectos político-ideológicos que constituem a relação do sujeito com a língua.

Ao refletir sobre a necessidade de pensar a língua e a relação sujeito/língua nessa perspectiva, trago Pêcheux e Gadet, no artigo “Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo?”. Eles alertam:

“Não se trata de ressuscitar uma ‘linguística proletária’ que identificaria pura e simplesmente o plano da língua e o da ideologia. As noções de **discurso** e de **formação discursiva** desempenham para nós esse papel de desobjetivação da teoria da linguagem, ainda que de forma embrionária. Essas noções nos ajudam, no estado atual das coisas, a pensar a relação de intrincação entre língua e formações ideológicas, através da qual práticas lingüísticas tendencialmente antagonistas vem se desenvolver sobre uma mesma base lingüística [...]”. (PÊCHEUX & GADET, s/d, pp. 14/15) (grifos dos autores).

Aqui, vale lembrar que o funcionamento ideológico faz com que não se questionem os sentidos que são produzidos. Todavia, a filiação a uma teoria como a Análise de Discurso possibilita um olhar de estranhamento àquilo que é tratado como natural, evidente. Lê-se/ouve-se que “é evidente que alguns falam ‘certo’ e outros ‘errado’”, que tem aqueles que “não sabem falar”. É possível observar, no nosso cotidiano, a hierarquização que se (re) produz ao conceber as práticas lingüísticas em nossa sociedade. Nessa perspectiva, o que é considerado “língua” é o registro formal das pessoas escolarizadas. A partir daí, constitui-se o modo repressivo de tratar os sujeitos que se expressam com “as línguas coloquiais de pessoas não escolarizadas” (GUIMARÃES, s/d, p.6).

Também é necessário enfatizar que em relação à língua há

“[...] toda uma série de pré-construídos que circulam pelas diferentes classes sociais, formando um bloco aparentemente homogêneo e coeso. [...] os locutores têm como uma capacidade “natural” para hierarquizar as produções do falante de uma sociedade, distribuindo-as, também naturalmente, entre as diferentes classes sociais e atribuindo como causa dos erros e faltas, o locutor.” (SILVA, 2007, p. 157).

Conforme Pêcheux, há um jogo de formações imaginárias que preside todo discurso. Considerando “A” o locutor, a pessoa que fala; “B” o interlocutor, a pessoa com quem se fala, e “R” o

referente, o assunto sobre o qual se fala, pode-se citar esses elementos como constitutivos do processo discursivo:

$I_A(A) \rightarrow$ imagem do lugar de A para o sujeito de A, ou seja, a imagem que A tem de si mesmo
 $I_B(B) \rightarrow$ imagem do lugar de B para o sujeito de B, ou seja, a imagem que B tem de si mesmo
 $I_A(R) \rightarrow$ imagem que A tem do referente, ou seja, o ponto de vista de A sobre R
 $I_B(R) \rightarrow$ imagem que B tem do referente, ou seja, o ponto de vista de B sobre R". (PÊCHEUX, 1997, p. 82-87).

Além das imagens acima relacionadas, ainda faz parte do processo discursivo a imagem que A tem da imagem que B tem do referente: $I_A(I_B(R))$. Ou seja, a imagem que se tem da imagem que o interlocutor tem do referente também constitui os sentidos produzidos.

Cito esse jogo discursivo de formações imaginárias por considerar que as imagens que o sujeito tem de si mesmo, do outro e do próprio referente, no caso, a língua, constituem o processo de produção de enunciados com *hipercorreção*. Na nossa sociedade, independente da posição sujeito que se ocupa, existe uma preocupação em relação à língua.

Para pensar sobre o que faz com que os diferentes sujeitos produzam hipercorreções, trago Payer que trata sobre a relação língua/sujeitos, refletindo sobre o incômodo que as pessoas sentem com a língua que usam no cotidiano:

"[...] mesmo uma criança pode notar – ainda que sem compreender inteiramente – em seu grupo social, os familiares, seus pais, por exemplo, “arrumarem” a própria língua diante de estranhos, publicamente. Situação em que o *sujeito* se encontra exposto aos efeitos de um certo modo de *relação com a língua* que parece abrir aspas sobre a linguagem comum de todo dia, tornando-a estranha ao suspender-se a familiaridade com que é normalmente praticada. Cria-se assim para a língua familiar o efeito de ser outra, diferente das evidências de si própria, mas o que pode fazer com que a língua comum de todo dia possa incomodar, levando os sujeitos a se apresentarem a si próprios como estranhos, isto é, como fora da evidência natural do seu dizer? – pode se perguntar a criança.” (PAYER, 2006, p.14).

No quadro a seguir, trago alguns enunciados produzidos por reeducandos e por professores universitários,¹ ou seja, enunciados construídos a partir de duas posições-sujeito distintas, para um ensaio de análise:

¹ Para contextualização, importa dizer que os textos recortados fazem parte da avaliação de um projeto de extensão universitária por mim coordenado e realizado no Centro de Inserção Social de São Luís de Montes Belos/GO. Reproduzi os textos que foram transcritos com fidelidade, apesar dos recortes feitos.

Professores universitários	Reeducandos
São <u>enes</u> questões que estão envolvidas... (professora do Curso de Pedagogia, em uma reunião de professores)	[...] juntamente com as <u>professoura</u> aprendemos a aproveitar essas embalagem [...]
“falta de <u>assumência</u> ” [...] É uma rede de “aprendência” dos diferentes níveis: fundamental, médio e superior (professora do curso de Letras)	[...] não tenho palavras para agradecer todas as <u>pessouas</u> que nos ajudaram nos encinando com toda paciência [...] Esta oficina noz encinou muita coisa <u>bôua</u> .
Uma professora de Pedagogia comentando sobre a corrupção, falou sobre o “ <u>previlégio</u> dos senadores”. Os alunos precisam estar <u>embuídos</u> de muita força de vontade ...	<u>veijo</u> que isso não e so um simplis artesanato mas também um palco de calor <u>homano</u> [...] Eu tive muito prazer em têr participado das aulas pois as professoras foram muito educadas e muito atenciozas para <u>com nosco</u> apesar do <u>lugar</u> em nos encontramos.
Você é <u>mal</u> , professora! (professora do Curso de Letras, reproduzindo o que a aluna falou para ela)	[...] o artesanato me influenciou a <u>reootilizar</u> coisas que não tem precisão, para fazer coisas interecante e também para manter o meio ambiente limpo e bem cuidado [...]
Gente, o <u>vitror</u> está estragado! (professora do Curso de Letras)	[...] não é <u>dermagogia</u> minha mas poucas pessoas reconhecem que quem vive encarcerado também é ser humano.

A observação do quadro acima com as hipercorreções constituídas em dois espaços de dizer tão diferentes, unidade prisional e universidade, faz pensar sobre o que há de semelhança e o que distingue essas duas posições-sujeito: reeducando e professor universitário. O que os distingue, pode-se dizer, é a relação com a escolarização. Enquanto o primeiro praticamente, não teve acesso à escolarização, o último teve escolarização superior. Contudo, o que os assemelha também é a escolarização, ou melhor, a falta dela no grupo social de origem. Ou seja, o grupo de professores universitários que produziram essas hipercorreções é o grupo “novo” na escola, visto que são filhos de pessoas sem escolarização.

Remeto-me a Pfeiffer quando trata sobre a diferença de sentidos entre “língua materna” e “língua nacional”, entre “variedades lingüísticas” e “língua de cultura”. Enquanto a textualização de “variedades lingüísticas” é utilizada, em documentos oficiais, para se referir à língua de quem é novo na escola, “língua de cultura” serve como referência a de quem já está na escola desde sempre. Para quem já está na escola desde sempre há uma equivalência entre “língua materna” e “língua nacional”. Para quem é novo na escola é necessário adequar sua língua materna para “poder estar no lugar correto do bem dizer, da língua nacional”. (PFEIFFER, s/d, p. 14).

Nesse ponto, tomo as reflexões produzidas por Auroux (1992) em relação à *escrita* e enfatizo o seguinte: ela é um dos instrumentos estruturantes do sujeito ocidental, funciona como um divisor de águas em um só mundo, demarcando as diferenças que salvaguardam as desigualdades. Nesta discussão, vale lembrar o fato de que é a tradição greco-latina que afeta as possibilidades de produção de sentidos para língua(s), assim como para os modos distintos de falar: feios, simples, difíceis, complexos, errados, certos...

Continuando a reflexão, detenho-me na palavra “vitror”, no lugar de “vitro”. A omissão da

vibrante simples /r/ ao final da palavra soava como um “erro” para a professora que a produziu. Por isso, o acréscimo desse fonema. Não queria ser relacionada à imagem de um falante que produz, por exemplo, a palavra “dotô” (doutor).

Na série de hipercorreções produzidas na posição-sujeito reeducando, vale observar o modo como elas são construídas: ditongações (*professoura, bôua, pessouas, veijo*), metafonias (*homano, reoutilizar*), metaplasmos por acréscimo: *dermagogia*. Por um lado, possibilita-me dizer que o acesso que tiveram à escrita foi insuficiente para que se construísse uma imagem de “correção” da língua, o suficiente para que percebesse que a escrita difere da oralidade, daí o incômodo em escrever de uma outra forma, comparando com as palavras “vassoura”, “beijo”, “outro”, constituídas por ditongo. Por outro lado, as faltas de concordâncias nominais e verbais, as falhas ortográficas indicam o modo como foi insuficientemente afetado pelo discurso da escrita. Em relação a essa questão, Mariani argumenta que

“o falar ‘certo’ é um objeto de consumo vendido pela escola tradicional (e pelos meios de comunicação), mas não adquirido. Na escola tradicional, o aluno entra em um circuito imaginário frustrante: supõe que ali poderá obter uma linguagem que lhe falta, desejada, no entanto se depara com o dialeto padrão, algo que corresponde a um suposto ‘falar certo’.” (MARIANI, 1998, p.112).

Dito de outro modo, nas produções do sujeito não escolarizado, filho de pais também não escolarizados, fica duplamente marcada a relação do sujeito com a forma de expressão escrita, pelo excesso ou pela falta. Mesmo em um registro formal como esse da avaliação escrita.

Nessa perspectiva, as hipercorreções presentes nos enunciados estão funcionando como marcas do equívoco que constitui a afirmação de que o sujeito adquire uma língua, pois ele não a adquire. Ele se inscreve nela (na língua) no instante mesmo em que a língua é tomada, visto que, conforme Guimarães, “os falantes são caracterizados histórico-socialmente pelo modo como são tomados pelas línguas (e pelas divisões que a constituem) e assim se distinguem lingüisticamente”. (GUIMARÃES, s/d, p.3).

O sujeito professor universitário, considerando a imagem que tem de si mesmo e a imagem da imagem que seu interlocutor tem dele (seja aluno, seja outro professor), faz com que ele até reproduza as regras de concordância verbal e nominal legitimadas como “as corretas”. No entanto, o léxico da língua da elite não coincide com o da “sua” língua. O funcionamento da hipercorreção é um vestígio de que aquela língua que ele tenta falar não é propriamente “a sua”.

Quando se contrapõem os enunciados dos sujeitos em questão, nota-se que, nos enunciados produzidos pelo sujeito professor há excesso (vitror, mal, enes), e trocas (previlégio, embuídos, assumência), nunca falta. Ao passo que o sujeito reeducando, além das hipercorreções, se expressa pela falta: concordância nominal e verbal, ortografia. Em outras palavras, um dos pontos que distingue esses dois lugares enunciativos, universidade e unidade prisional, é o próprio modo como são construídas as hipercorreções.

Importa dizer que, no pequeno pátio do Centro de Inserção, estava escrito em uma das

paredes: “cadeia é o cômodo do inferno, no verão e no inverno”. Isso me faz pensar sobre como se constitui a relação com a língua na posição ocupada por eles, como eles mesmos se referem: “naquele lugar”. A hipercorreção, conforme Cox (2004, p. 136), “nada mais é do que o desejo de se apropriar das formas lingüísticas que valem mais no mercado de bens simbólicos.” Na perspectiva em que me inscrevo, esse “desejo” não é do conhecimento do sujeito, já que se constitui ideologicamente.: “*todos*” querem falar e escrever “certo”, da “melhor” forma possível. Para isso, traz à tona o imaginário das formas lingüísticas hegemônicas que construíram nas suas experiências, nas suas práticas lingüísticas nos espaços formais de enunciação.

Para finalizar, lembro que os sentidos não são eternos, mas eternalizados. Desse modo, é possível pensar em outra relação sujeito/língua que não seja essa que se impõe. Considero que, como pesquisadora, poderei ter melhores condições para interferir no imaginário social sobre a língua, ao procurar compreender o funcionamento da hipercorreção, assim como ao pensar em possibilidades de espaços de enunciação capazes de produzir resistência à hierarquização dos diferentes falares. Conforme foi dito por Orlandi, Payer e Silva (2007, pp. 61; 122 e 159, respectivamente), é necessário historicizar as questões em relação à língua e desconstruir o seu sentido de evidência. Enfim, há um longo percurso teórico que ainda tenho que percorrer para ousar responder questões que se colocam quando busco compreender as relações de poder que constituem a própria relação sujeito/língua e os saberes que se constituem sobre ela, para efetivamente contribuir na construção da história das idéias lingüísticas.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- COX, M.I.P. Pedagogias da língua: muito siso e pouco riso. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 63, maio/agosto, 2004, p. 135-148.
- DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. *A Língua do Estado e as Línguas do Povo: diversidade, civilização e cultura*. IEL/LABEUB:UNICAMP, mimeo, s/d.
- MARIANI, B. As leituras da/na rocinha. In: ORLANDI, E.P.. *A leitura e os leitores*. Campinas, Pontes, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Língua e Conhecimento Lingüístico*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PAYER, M. O. *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006.
- _____. Processos de identificação sujeito/língua. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F; HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia Mariani [et. al.]. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M.; GADET, F. Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo? In:

Escritos: Discurso e Política, n.3, Laboratório de Estudos Urbanos/UNICAMP, s/d, pp. 5-16.

PFEIFFER, C.C. Saber escolarizado – espaço de institucionalização da língua. *A Língua do Estado e as Línguas do Povo: diversidade, civilização e cultura*. IEL/LABEUB: UNICAMP, sd.

SILVA, M.V. A escolarização da língua nacional. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.